

a revista do educador

DIRECIONAL ESCOLAS

E MAIS:

- O atendimento das necessidades educacionais especiais
- A violência doméstica e a lei do silêncio
- Respiração oral e dificuldades escolares
- Projeto Sementinha rende frutos na Educação Infantil

Obra Literária para Crianças ou Livro de História para Crianças?

Por Ninfa Parreiras

Entrevista

Tatiana Belinky

A dama da literatura infantil

Por Luiza Oliva

Maria Montessori

conhecendo fundamentos, derrubando mitos

Por Edimara de Lima

venda proibida: exemplar de assinante



Movimento Montessori Contemporâneo conhecendo fundamentos, derrubando mitos

Por Edimara de Lima



Fotos: <http://montessorienternary.org>
Ilustrações: J.J. Cavallero



Maria Montessori colocou entre os princípios do seu sistema educacional a Educação para a Paz. Uma Paz não figurada na ausência de guerras, mas resultante do equilíbrio e do respeito. A realidade que hoje vivemos comprova a necessidade desta proposição e a sua importância para a sobrevivência do homem e do planeta.

A linha da história do Homem mostra que nos primórdios dos tempos sua visão era teocêntrica – creditando aos deuses o direcionamento dos acontecimentos naturais e humanos; milênios depois adquire a visão antropocêntrica – trazendo para si a possibilidade, com poderes ilimitados, para explorar a natureza, a vida vegetal e animal. Iniciava-se o caminho da exploração do Homem pelo próprio Homem. Se na primeira hipótese a responsabilidade era do divino, na segunda o Homem toma essa responsabilidade, mas com o único objetivo de servir a si mesmo – os resultados temos assistidos quase impotentes. E a atual destruição da vida nos leva de volta à Montessori – que prevendo o final deste caminho nos propõe uma nova visão à qual podemos chamar de biocêntrica: com o entendimento da vida como foco de toda atividade humana, como forma de preservação do homem e do ambiente capaz de nos permitir viver.

"A vida mantém a vida", foi uma das afirmações de Montessori; esta frase aparentemente simplória delega ao Homem – vida detentora da inteligência racional do planeta – a responsabilidade pelas outras vidas que a Terra acolhe e mantém. E neste ponto cabe uma pergunta: como preparar um ambiente que eduque o Homem responsável pela vida?

Nossa resposta é também aparentemente simplória: seguindo os preceitos da Dra. Montessori!

As classes de uma Escola devem privilegiar a cooperação e não a

competição, o respeito aos seus componentes vivos e não vivos; nossas salas devem ser templos dedicados à ética e à moral.

Na educação infanto-juvenil está a esperança de mudanças sociais significativas. A Paz, descrita por Montessori, necessita da Liberdade e esta é um dos nossos pilares metodológicos. A liberdade da qual falamos, e temos instalada nos ambientes de aprendizagem montessorianos, necessita do limite, que pode advir de outras liberdades; do equilíbrio destas nasce a liberdade maior, a que almejamos. A vida social impõe regras e leis – da polidez ao direito do outro –, e são estes quesitos que permitem à criança emergir do egocentrismo à sociabilidade.

Mário Montessori Jr. a conceitua bem no texto: "O verdadeiro grupo permite que cada membro sinta-se livre para ser ele mesmo, ao mesmo tempo em que cada indivíduo ajusta sua própria (personalidade) liberdade em favor do bem estar geral, a excessiva liberdade individual leva ao caos. A excessiva uniformidade imposta pelos adultos leva a um conformismo impessoal ou à rebeldia" [1].

Professores, diretores, coordenadores, funcionários, famílias, crianças e adolescentes que fazem o Sistema Montessori aprendem a conviver com diferenças explícitas e implícitas, enfrentando e minimizando suas próprias diferenças; somos um espaço aberto à integração, a uma sociedade mais sadia, onde todos contribuem com o melhor de si mesmo e podem usufruir das conquistas comuns.

Solidariedade se aprende em criança, solidariedade se constrói na Escola. Ser solidário é fruto dos modelos que podemos imitar e admirar, e da prática que exercemos em nossas vidas desde crianças.

Trabalhamos na aceitação das diferenças orgânicas e cognitivas, mas também trabalhamos para transpor as diferenças sociais.

Devemos procurar o equilíbrio na distribuição da riqueza material e cultural, dando a cada aluno a competência necessária para ser um cidadão produtivo e que tenha a seu alcance os recursos necessários a uma vida digna. Conscientizar-se da triste realidade social que nos cerca, não basta; precisamos desenvolver mecanismos para modificá-la e para isto o conhecimento dos direitos e dos deveres da cidadania é essencial.

A escola montessoriana está preparada para construir o Novo Homem, pois os pilares em que se baseia são os que sustentarão as gerações vindouras: auto-educação e educação cósmica aliadas a uma visão científica do processo educacional nos permitem a cada dia viver o nosso objetivo maior: conviver harmoniosamente com a igualdade e a diferença

[2]"... a humanidade se constitui, sob muitos aspectos, uma nação única. Inúmeras são as provas desta unidade. Seja do ponto de vista econômico, seja do ponto de vista material e intelectual. A interdependência entre os vários povos criou sua unidade e a demonstraram, até mesmo as guerras modernas: o vencedor hoje não enriquece com a vitória e o vencido pesa sobre ele, em passividade..."

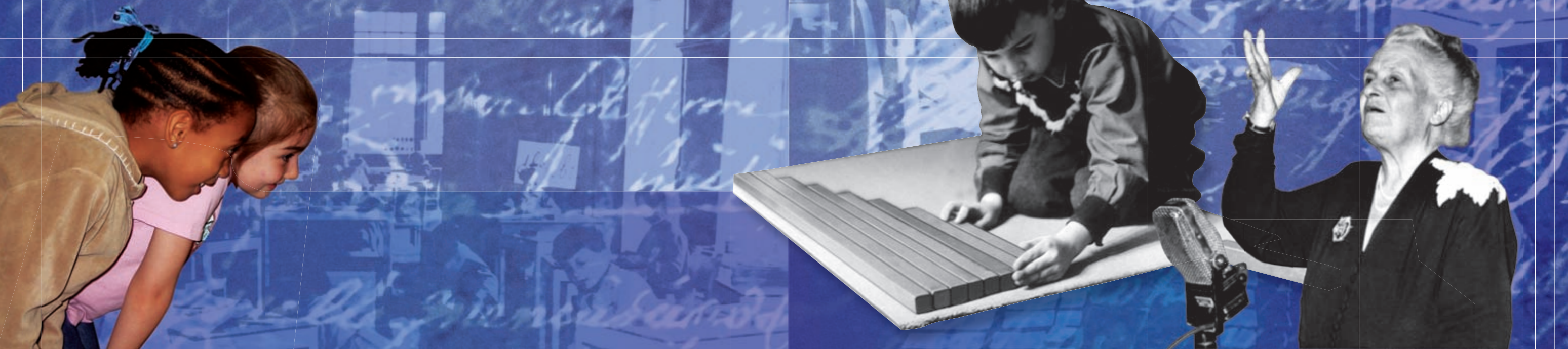
Maria Montessori, no início do século passado, anteviu, de forma prodigiosa, os problemas que enfrentaríamos e nos legou um caminho. Montessori preocupou-se com o desenvolvimento da competência cognitiva aliada ao desenvolvimento afetivo, buscou a competência acadêmica calcada no desenvolvimento moral e ético; buscou a aliança entre um Mundo Novo e um Homem Novo, o equilíbrio que reside na distribuição justa da riqueza gerada pelas novas tecnologias, na Paz, e que permite o usufruto desta realidade.

José Alberto Correia, renomado educador português, em seu discurso de abertura no 1º Congresso das Licenciaturas em Ciências da Educação da Universidade do Porto, afirmou: "A «pedagogia científica» de Montessori não é uma ciência para os pedagogos que parta de idéias pré-estabelecidas sobre a psicologia da criança, mas uma ciência dos pedagogos cujo método, segundo as suas próprias palavras, «nos permite libertar a criança para descobrir a sua verdadeira psicologia»; a cientificidade é, neste caso, sinônimo de emancipação que se sustenta não num educador informado, mas num educador transformador."

Os grandes educadores são, antes de tudo, transformadores. Maria Montessori nos deixou um grande legado e a sua maior qualidade está no preceito de que somos "pensadores" e "atores" da Educação de crianças e jovens e da nossa própria formação. Não nos basta reproduzir o que Maria fez, mas é essencial que tenhamos seu espírito inquieto, insatisfeito, que só se realiza na eterna busca da vivência cósmica.

O segundo ponto fundamental da pedagogia montessoriana é a Auto-Educação. Pertencemos a uma estranha corrente que há 100 anos afirma que a função do professor não é ensinar, mas possibilitar o aprender. Somos possibilitadores do desenvolvimento humano, somos orientadores da aprendizagem, somos guias da infância e da juventude e por isso somos eternos aprendentes.

Montessori, mais uma vez, se antecipou à ciência que impregnava o seu tempo, e revelou a capacidade de auto-aprendizagem inerente ao ser humano. Os teóricos contemporâneos provaram e comprovaram esta afirmação de Maria, que infelizmente não recebe os créditos da Academia. Nós acreditamos na auto-educação e nossas classes são construídas a partir deste preceito. Nossas crianças e jovens podem



experimentar, tentar e estabelecer suas rotas de aprendizagem, amparados por guias conscientes, competentes e solícitos.

A aprendizagem, a partir do ponto de vista montessoriano, precisa estar embasada numa teoria que vê o conhecimento como produto de uma ação do sujeito-aprendente, e não como produto da transmissão entre ensinante/aprendente; que não encare o aluno como um discípulo passivo, mero receptor da sabedoria do mestre; necessita de um ambiente que proporcione a ação construtiva, que favoreça a experimentação, propicie vivência, que desafie e estimule a busca do conhecimento; o professor precisa conhecer "as formas de aprender" do aluno para adequar-se ao seu nível de desenvolvimento e desafiá-lo a superá-lo; a Auto-Educação, condição essencial do Sistema Montessori, só acontece num ambiente democrático onde pensar não é proibido e aprender seja um prazer.

Os documentos do Ministério da Educação do Brasil, calcados na experiência da reforma espanhola, recomendam a utilização de ciclos; a utilização de classes multi-idades ou agrupadas, ou multi-seriadas é outro preceito montessoriano que vigora igualmente há 100 anos. Passado um século, muitos ainda vêm nesta forma uma revolução tão transformadora que a acham impossível. Espero que os montessorianos brasileiros convidem os técnicos estatais, os dirigentes educacionais de suas cidades e estados, para que conheçam "in loco" as nossas salas agrupadas. Podemos e devemos compartilhar nossos conhecimentos assim como estamos abertos às críticas que nos trarão aperfeiçoamento das nossas classes; o agrupamento privilegia a diversidade, permite o acompanhamento individual e impede a exclusão.

A pedagogia, a psicopedagogia e a psicologia nos falam de um sujeito cognoscente, que elabora o seu conhecimento a partir da observação, da construção e da recepção, dentro de estruturas propiciadoras da interação social e que contenham os instrumentos necessários para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo.

Piaget afirmou que o conhecimento é construído na relação do aprendente com o objeto; as salas montessorianas são as que mais

refletem este pressuposto, pois nossas atividades são individualizadas ou em pequenos grupos. Todos falam da importância do material concreto nos períodos que antecedem o uso genérico da abstração, mas poucos usam estes instrumentos com a intensidade e propriedade das Escolas Montessori.

Os procedimentos do aprender, tão explorados pelos teóricos espanhóis, são exaustivamente utilizados nas salas montessorianas. O aprender a "fazer" sempre foi valorizado pela sala montessoriana; nas nossas escolas não existe a desqualificação do trabalho manual e todas as competências são igualmente desenvolvidas. Mais uma vez lamento que as universidades brasileiras releguem a segundo plano a contribuição de Montessori, mas ao mesmo tempo pergunto por que ficamos calados frente a tão gritante discriminação?

A Educação Montessoriana sempre analisou os três ângulos da aprendizagem: posturas, procedimentos e conceitos. A excelência acadêmica aliada à prática cotidiana à serviço da Paz e da justiça social.

A busca da comprovação científica para seus pressupostos foi a batalha constante de Montessori por toda sua vida. Os pesquisadores que a sucederam revalidaram suas afirmações, Howard Gardner, em seu livro "Estruturas da Mente", faz referências às "janelas de oportunidades", conceito similar ao de período sensível; Edgar Morin e Maturana exploram a transdisciplinaridade como preceito a uma aprendizagem significativa. O conceito da aprendizagem transdisciplinar pode ser comprovado nas salas montessorianas cotidianamente: nossos materiais permitem, usando um termo recente, a navegação por todas as áreas do conhecimento - basta que os conheçamos em profundidade e não fiquemos presos à nossa própria aprendizagem inicial.

A busca contínua do nosso próprio aprendizado anda esquecida. Os cursos de formação de professores são a primeira de muitas etapas; estudar permanentemente é a condição essencial ao educador montessoriano.

Há alguns anos atrás, Salvador recebeu os diretores das escolas da Organização Montessori do Brasil, e entre os palestrantes

convidados estava Cipriano Luckesi, ícone nos meios educacionais brasileiros. Luckesi nos disse, nessa ocasião, que estudou por muitos anos o livro "A Criança", da Dra. Montessori. Eu fico a imaginar por que alguns dos nossos jovens professores se contentam com uma única leitura? Talvez porque nossos cursos de pedagogia se contentem com a leitura de alguns capítulos de obras que exigiram uma vida para serem construídas.

A Sala Montessori não aceita o trabalho amadorístico. Ela pede, exige cientificidade, e esta postura é alimentada cotidianamente, pela leitura, pela discussão, pelo debate. A observação de sala é outro pilar metodológico, mas uma observação apoiada e respaldada pelo conhecimento, pela teoria. Nossas observações adquirem significado quando inseridas no contexto teórico; atrevo-me a dizer que o "achismo" é uma das poucas proibições à qual devemos atender. Muitas vezes encontro professores que possuem páginas e páginas de anotações, mas estas não são alavancas de desenvolvimento da postura científica do educador.

Observo para interferir com maior e melhor adequação; observo para melhor preparar o ambiente; observo para melhor orientar. Minhas anotações devem estar a serviço da criança e não do cumprimento de uma tarefa que, despida destes significados, é tediosa e maçante. A observação é o primeiro passo da reflexão e esta antecede a ação. Observar, refletir e agir - esta é a seqüência do mestre montessoriano.

Aprender sempre e se apropriar das conquistas das ciências é uma arte a ser cultivada pelos montessorianos. Incorporar novos conhecimentos não significa, necessariamente, o descarte do antigo. A sabedoria consiste em fundir o novo e o velho, a tradição e a renovação, sem por isso macular princípios que se comprovam universais.

Celma Pinho Perry, em palestra realizada ao Grupo de Consultoria da American Montessori Society, em junho de 1980, sintetizou brilhantemente esta postura:

"Ao escolher ser montessoriana:

.....não renunciei ao meu direito de pensar,

.....não recebi um sistema completamente fechado,
.....não recebi um tesouro que tenho que esconder e conservar para não perdê-lo, mas sim, recebi uma introdução à brilhante visão desta mulher que paciente e apaixonadamente estudou e deixou uma importante contribuição ao mundo da educação.

Prometi, a mim mesma, continuar a tradição que ela iniciou, seguindo suas próprias diretrizes:

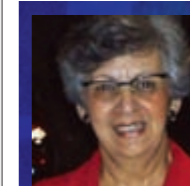
.....aberta às novas revelações da observação,
.....consciente do mundo científico e suas contribuições,
.....dedicada à mudança e à contínua adaptação.

...Demorei a compreender como Maria havia trabalhado; quanto havia estudado, pensado, escutado. Pouco a pouco fui entendendo que eu teria que seguir seus passos, continuando e aprofundando seu trabalho (e não o repetindo)."

Ser montessoriano é, pois, trilhar os caminhos de Maria Montessori, observando, estudando, descobrindo novos caminhos e instrumentos. Esta é a grande herança que nos deixou; possível a todos, adequada a qualquer tempo e a qualquer espaço e, para construir o Homem Novo para um Novo Tempo, temos que usufruí-la montessorianamente... "com Paz, pela Paz e em Paz". ■

Referências bibliográficas

- [1] Montessori, Mario Jr. Para Educar o Potencial Humano. OBRAPE Editora, Rio de Janeiro, s/d.
[2] Montessori, Maria. Educação Para a Paz. Editora Papirus, Campinas, 2004.



Edimara de Lima é especialista no Sistema Montessori de Educação; Diretora Consultiva da Organização Montessori do Brasil (OMB); Coordenadora Científica do Saber-Congresso de Educação do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo; Diretora Pedagógica da Primeira Escola Montessori de São Paulo.
E-mail: edimara@primamontessori.com.br